IMAGEM: YARA MITSUSHI

ENSAIO

Existe cultura brasileira?

A discussão sobre a existência de uma identidade nacional brasileira é perene. Em sua essência está a defesa de uma identidade cultural única, capaz de integrar a diversidade étnica, religiosa e cultural existente no país. Neste ensaio, **Luis Eduardo Matta**, escritor e colunista do *Digestivo Cultural*, argumenta que o ideal da uniformidade cultural é impossível de ser alcançado em um lugar com as características do Brasil e que devemos falar em cultura brasileira sempre empregando o plural.

Há 10 anos, em 1994, o Brasil conquistava o tetracampeonato de futebol, no Mundial dos Estados Unidos. Ficaram registradas para sempre as imagens daquele histórico 17 de julho, quando, após uma partida dramática disputada no Estádio

Rose Bowl, em Los Angeles, o jogador Roberto Baggio, artilheiro e estrela máxima da Seleção Italiana, perdeu um pênalti decisivo, dando o título ao Brasil, que quebrou, assim, um amargo jejum de quase 25 anos sem vencer uma Copa.

Se o dia da final permanece nítido na memória de muitos brasileiros, o mesmo não ocorre com a abertura do campeonato, realizada um mês antes; uma festa, por sinal, tosca e insossa, sobretudo se comparada às caprichadíssimas cerimônias que ce-

lebraram, magistralmente, o início de torneios esportivos na Europa, como as Olimpíadas de Moscou, Barcelona e, mais recentemente, Atenas, sem contar as Copas da Itália e da França. Da cantora Diana Ross, simulando um chute a gol, antes de subir ao palco – e mandando a bola para fora –, a João Havelange, na época ainda presidente da FIFA, discursando num portunhol impecável, um momento da cerimônia me atraiu especialmente a atenção: uma apresentação das danças típicas dos países que participariam da competição. Uma idéia simpática, sem dúvida alguma.

Cada país compareceu com uma dança, a mais representativa ou, em alguns casos, a única com alguma expressão. A exceção foi o Brasil, que, ao som de uma batucada estranhíssima e mal executada – ainda hoje me pergunto o que era aquilo –, levou ao estádio um grupo absolutamente heterogêneo de dançarinos, trajando fantasias que incluíam destaque de escola de samba carioca, passista de frevo pernambucano e até índia amazônica. Não sei se houve uma intenção explícita de expor a diversidade do país ou se os organizadores, por preguiça ou ignorância, simplesmente, preferiram jogar no palco de forma aleatória tudo que lhes vinha à cabeça, sem qualquer preocupação de dar uma uniformidade ao grupo. O resultado, obviamente, foi um desastre, mas pode ser interpretado como uma pequena amostra das contradições que cercam esse terreno extremamente complexo denominado cultura brasileira. A dúvida é: se apenas uma dança tivesse de ser

O dilema da unidade cultural está ligado à histórica obsessão do Brasil em encontrar a sua identidade como nação, uma identidade na qual possa se reconhecer e se aceitar, com todos os seus defeitos e contradições.

escolhida para representar o Brasil na festa, qual seria a mais apropriada? E se, no lugar da dança, a mesma indagação fosse feita em relação à música, à literatura, ao folclore e até mesmo à pronúncia da língua portuguesa falada no Brasil? É possível, em cada uma dessas áreas, eleger um ícone que traduza a alma da cultura brasileira de forma abrangente, unânime e irrecorível? Em caso positivo, quais seriam os critérios para se efetuar tal escolha?

Crise de identidade. São questões aparentemente prosaicas, cujas respostas costumam oscilar entre as reticências e o ponto de interrogação. O Brasil é uma terra de dimensões continentais, com superfície equivalente à da Europa, habitada por povos distintos, oriundos de toda parte e que aqui aprenderam a conviver sob uma consciência maior: a de serem todos brasileiros, antes de tudo. Vendo por esse ângulo, podemos nos considerar um Estado de fato, já que a idéia de unidade nacional está mais do que consolidada na mente da população, pairando acima de eventuais diferenças regionais, étnicas, religiosas ou ideológicas. Foi essa formidável mistura, conjugada a uma notável inclinação à tolerância e a uma abertura saudável e permanente

ao novo, que permitiu ao Brasil cultivar e desenvolver, ao longo dos séculos, as suas manifestações artísticas e folclóricas de forma espontânea, propiciando a construção, pouco a pouco, de um patrimônio cultural diversificado e dinâmico, reconhecidamente original e de indiscutível valor, que agregou influências nativas e externas e, sempre que necessário, reinterpretou-as sob a égide generosa de um único idioma e do ponto de vista desvinculado de um país novo, sem maiores satisfações a prestar aos cânones do seu passado.

Ironicamente, toda essa multiplicidade acaba constituindo o principal obstáculo na hora de se definir uma identidade para a cultura brasileira que reflita a alma e os costumes do país e, ao mesmo tempo, seja justa, evitando privilegiar um segmento ou região, em detrimento dos demais. Essa discussão vem sendo empreendida há décadas, e atravessou todo o século XX sem sequer vislumbrar um consenso à distância, pela simples razão de que o ideal de uniformidade cultural, tão perseguido por pensadores e artistas, é impossível de se forjar num lugar com as características do Brasil. Não apenas pela sua extensão e pela sua complexidade, mas, também, pelo caráter libertário e criativo do povo, que favorece uma re-

novação contínua da produção cultural, criando novos paradigmas a todo instante e contrariando, desse modo, mesmo as mais respeitadas teorias que se esmeram em estabelecer, em caráter definitivo, uma estética brasileira pura.

O dilema da unidade cultural está, intimamente, ligado à histórica obsessão do Brasil em encontrar a sua identidade como nação; uma identidade na qual possa se reconhecer e, enfim, se aceitar, com todos os seus defeitos e contradições. Ultimamente, tornaram-se comuns, por exemplo, teses radicais pretensamente patrióticas, algumas até com leves tinturas xenófobas, que defendem conceitos rígidos de brasilidade, em oposição, sobretudo, às influências estrangeiras, consideradas perniciosas, uma ameaça permanente à integridade cultural do Brasil e, por consequência, à sua identidade. Ora, esta-

A cultura no Brasil é um organismo vivo, ilimitado, imprevisível, mutante, um espaço vertiginoso de pensamento, criação, diálogo, denúncia, expressão de idéias e sensações, o canal por meio do qual até as entranhas mais remotas do país se manifestam e encontram eco.

mos falando de um país habitado majoritariamente por descendentes de estrangeiros, sejam eles europeus, árabes, africanos ou orientais, cuja cultura frutificou, entre outros fatores, graças a essa incrível miscelânea humana. Querer, agora, regular a produção artística por meio de um ideário ostensivamente maniqueísta é, no mínimo, desrespeitar toda uma trajetória democrática e insubordinada de formação da cultura nacional em todas as suas modalidades. É, mais uma vez, tentar impor normas a um segmento que sempre se valeu da ausência de normas para vicejar. Uma verdadeira asfixia.

A cultura e as culturas brasileiras. A cultura no Brasil é um organismo vivo, ilimitado, imprevisível, mutante, um espaço vertiginoso de pensamento, criação, diálogo, denúncia, expressão de idéias e sensações, o canal através do qual até as entranhas mais remotas do país se manifestam e encontram eco. Por isso mesmo, é difícil falar numa “cultura brasileira”, no singular e de uma forma taxativa, sem cair na armadilha do estereótipo reducionista. Trata-se, a meu juízo, de algo quase tão absurdo quanto dar uma definição genérica de

“cultura européia”, ignorando a enorme diversidade presente no velho continente. Existe cultura brasileira? Claro que sim. Mas devemos sempre pensá-la no plural, ainda que conservemos o termo, por uma questão meramente semântica, no singular.

Para finalizar, reproduzo aqui um parágrafo bastante elucidativo, extraído do livro *Nossa Senhora e Iemanjá, Maria na cultura brasileira*, do frei e teólogo Clodovis Boff: “A formação histórica do povo brasileiro explica um traço especial, ainda que não exclusivo, da atual cultura no Brasil: – a sua forte tendência para o sincretismo. O ‘brasilismo’ pode caracterizar-se através de uma capacidade particular pela arte combinatória, por uma arguta capacidade de misturar, de mesclar tudo, de articular o um e o múltiplo, de trabalhar com a lógica da inclusão, enfim, de privilegiar a diversidade, a variedade e a complementaridade”. O sincretismo é, de fato, um dos traços mais marcantes da nossa cultura, e veio mesmo para ficar.

Luis Eduardo Matta
Colunista do *Digestivo Cultural*
E-mail: lematta@lematta.com